

# **Ava reko como resistência dos Kaiowá e a instalação de uma Missão Protestante para a integração dos Kaiowa de Ka'aguyrusu em Douradina, MS**

## ***Avá reko rupive oikove Kaiowá kuery ha Missão Protestante onhemoĩ va'e kue te'yi kuery Ka'aguyrusu yguá mbytepy Douradina, MS***

### ***Ava reko as resistance of the Kaiowá and the installation of a Protestant Mission for the integration of the Kaiowa of Ka'aguyrusu in Douradina, MS***

Gileandro Barbosa Pedro<sup>1</sup>

Ebifânia da Silva Ortiz<sup>2</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.vi44.761>

**Resumo:** Este artigo pretende explorar a forma como uma missão protestante influenciou no relacionamento dos indígenas Kaiowá com o *tekoha* (lugar de viver), as implicações que se deram a partir da introdução da crença monoteísta em uma única divindade, também como se deu o relacionamento desses indígenas com a crença protestante. Partimos da ideia de que a percepção do mundo para os Kaiowá possui especificidades únicas, e que essas refletem diretamente na forma de ser (*Ava Reko*), de se relacionar entre si, com a natureza e o cosmos. Com isso a vida (*teko*) desses indígenas é vivida a partir destas perspectivas, sempre perpassando pela ótica espiritual e consequentemente refletindo na forma organizacional dessas comunidades.

**Palavras-chave:** Kaiowá e Guarani; tekohá; espiritualidade.

**Nhe'ẽ mbyky:** Ko artigo pe onhemo'ĩ ha'e missão protestante oheko rexa hague umi avá kuery pe, ambue reko oiporu hagua avei *tekoha* kuery rupi, umi rupive ave onhemoĩ ambue kuery jeroviaha peteĩ jary rehe, avei mba'eicha umi ojeguero va'e jerovia protestante ohexa umi te'yi kuery. Umi ava rekohá rupi ojehexa ha'e hetá yvyjeasá, oheko mbo'e va'e umi te'yi kuery pe oguata hagua Ava Reko rupi, oguata porã hagua opaixagua araguyypygua ndive, ha arájeasá

<sup>1</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Mato Grosso do Sul, Brasil.

pygua ndive ave. Upe rupi ve ae katu teko ojerereko porã va'erã ojehexa hexa hgua rupi, ha avei entero te'yi kuery ohekorexa hagua oikohá rupi.

**Keywords:** Kaiowá ha Guarani; tekohá; jeroviaha.

**Abstract:** This paper explores how a protestant mission influenced the relationship of the Kaiowá indigenous people with the *tekoha* (place to live), the implications that arose from the introduction of monotheistic belief in a single deity, as well as the relationship of these indigenous people with Protestant belief. We start from the idea that the perception of the world for the Kaiowá has unique specificities, and that these reflect directly upon the way of being (*Ava Reko*), of relating to each other, with nature and the cosmos. Thus, the life (*teko*) of these indigenous people is experienced from these perspectives, always going through the spiritual perspective and consequently reflecting on the organizational form of these communities.

**Keywords:** Kaiowá and Guarani; tekohá; spirituality.

## 1 INTRODUÇÃO

A ênfase deste artigo é, em particular, para a forma como a atuação da Missão Evangélica Unida (MEU) propiciou que se utilizassem diversas redes religiosas como uma forma de resistência da forma de ser/viver (*teko*) dos Kaiowa de *Ka'aguyrusu* que foram aglomerado na ínfima porção do aldeamento Panambi – Lagoa Rica.

Destaca-se a atuação dos órgãos governamentais, ao longo do processo de consolidação do recolhimento da comunidade no pequeno espaço a ela destinado, embora os Kaiowa reconhecessem a existência do *tekohagwasu Ka'agurusu* a partir da instalação da Colônia Agrícola de Dourados em 1943 iniciou-se o processo de esbulho dos *tekoha* ocupados pelos indígenas.

Cabe ressaltar que até a instalação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) os locais de ocupação tradicional dos Kaiowa, os diversos *tekoha* sofreram poucas transformações, porém, a medida que se deu o avanço da Colônia sobre os locais de ocupados pelos indígenas iniciaram os processos de retiradas para dar lugar as frentes agropastoris.

De modo geral, até o início da década de 1940, parte do “sucesso” de alguns grupos kaiowá que conseguiram retardar suas remoções compulsórias para as áreas reservadas deveu-se à reduzida população não indígena e às tecnologias agropastoris que ali existiam, pois, com a chegada de novas frentes de

ocupação e a ampliação do uso de novos métodos de produção, houve mais pressão para “limpar a terra” da presença indígena. (MORAES, 2020, p. 159).

Na região se localizavam vários *tekoha*<sup>3</sup>, que mantinham restritas relações entre si através da mobilidade *oguata*, cabe ressaltar que *Ka'aguyrusu* é situado como *tekohaguasu*, devido a existência de um grande número de *tekoha*, conforme Katya Vietta (2007), Izaque João (2011), Cavalcante (2013), o prefixo *guasu* indetifica-o como sendo um vasto território ocupado por diversos *tekoha*.

A implantação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) foi uma tentativa do governo brasileiro no período do Estado Novo (1937-1945) de colonizar o interior do país a fim de ocupar e desenvolver o interior do Brasil. Esse movimento denominado “Marcha para o Oeste”, visava povoar as regiões onde a presença de não indígenas era escassa. A Marcha para o Oeste levou em consideração a existência dos indígenas, mas com o ideal de que era necessário incorporar os mesmos à sociedade, transformando-os em trabalhadores rurais. Para o governo da época, era visível que a população indígena estava à beira da extinção.

## **2 AS PERCEPÇÕES DE MUNDO DOS KAIOWA**

A forma de vida *ava reko* está imersa em uma lógica pautada nos saberes êmicos desses indígenas e que direcionam os rumos a serem seguidos por esse grupo étnico. Embora as formas de pensar envolvem conceitos que não possuem referenciais fora do contexto Kaiowá, o *ava reko* é uma forma de vida na qual esses indivíduos se mantêm ligados e que possibilitou que resistissem as inúmeras tentativas de dominação do colonizador.

Para refletir sobre uma episteme que se difere dos saberes eurocêntrico é necessário vislumbrar a possibilidade de que um saber epistêmico oriundo das terras habitadas pelos nativos que foram tratados como inferiores pelos colonizadores possam oferecer respostas a paradigmas não solucionáveis segundo a racionalidade eurocêntrica.

---

<sup>3</sup> *Tekoha* é modo como os Kaiowá denominam o lugar em que vivem segundo seu modo próprio de ser, o *Ava Reko*, formulação registrada no clássico trabalho de Melià, Grünberg e Grünberg (1976/2008)

As interpretações êmicas referem-se as categorias cognitivas e linguísticas dos indígenas que conforme as suas concepções, se referem aos saberes que lhes foram repassados oralmente pelos seus antepassados. Esses saberes são considerados pela sociedade envolvente como conhecimentos tradicionais.

Na forma de viver o *ava reko* os diversos locais onde habitavam os Kaiowa sempre possuíam relações entre os locais e a forma de vida dos mesmos, a necessidade de manter um padrão de vida baseado em harmonia entre cosmos as realidades e que se difere da lógica capitalista de exploração maciça de recursos. A lógica Kaiowá entende que a existência humana está situada a partir da instituição de diversos locais (que denomino dimensões, uma vez que se referem ao tempo e espaço respectivamente), tais locais se interligam e estão acessíveis através do *mborahei* (canto, reza) e *jeroky* (rituais).

A realidade em que atualmente vivem os Kaiowa é apenas uma porção do cosmos para esses indivíduos. Afirmam a existência de um conjunto maior cujas dimensões estão interligadas entre si, as ocorrências dessas localidades podem ser percebidas, mas o acesso a elas se restringe aos *nhanderu*, *hexakary* que adentram a esses locais, uma vez que são esses indivíduos portadores/ conhecedores dos *mborahei* e *jeroky* que dão acesso a esses locais, conforme pode se perceber na descrição do cosmos segundo a ótica Kaiowa na tese de Aline Crespe:

Assim, o cosmo é um sistema e dentro deste sistema existem galáxias compostas por vários planetas, onde vivem diferentes tipos de seres conectados por caminhos. São os caminhos que colocam em relação humanos, animais, plantas e divindades, sempre dotados de características sociais. O cosmo também é o lugar onde acontecem as relações entre os índios atuais, seus antepassados materiais que já morreram e seus antepassados espirituais (as divindades). (CRESPE, 2015, p. 358).

Portanto nessa lógica a temporalidade e territorialidade estão interligadas e são indissociáveis, para os Kaiowa a existência dessas dimensões e suas particularidades são fatores que regem a realidade, essa forma de pensar que se difere dos conhecimentos científicos eurocentricos, foi tratada como sendo mitológico, mas o fato de reger a forma de ser/viver o *ava reko* implica que não são se trata de meras especulações, se tratam proposições na qual os Kaiowa baseiam a sua forma de vida.

O mundo kaiowá é 'antinatural', não se reproduz naturalmente, foi criado pela reza e necessita ser constantemente recriado pela ação inoculadora do xamã, legítimo herdeiro da capacidade xamânica dos deuses, capaz de despertar nas plantas, animais, pessoas e formação social a disposição de levantar e, levantando-se, afirmar sua existência. Tudo o que existe no mundo atual só veio a existir porque o xamã levantou. E ele consegue isto, negociando diretamente com os seres divinos, detentores das forças responsáveis pelo levantamento e pela reprodução dos seres sob sua custódia. Tais divindades muitas vezes necessitam ser apropriadas pelos humanos, como no caso das plantas, dos animais de caça, dos peixes, das aves, etc. As rezas são os instrumentos de negociação do xamã. Ele negocia, diretamente com os protetores/guardiões dos diversos tipos de seres – jára –, questões referentes ao suprimento de alimentos para o sustento das pessoas que compõem sua comunidade. Proferindo suas rezas, os xamãs negociam ainda a instituição da própria formação social, apelando às divindades primeiras, principalmente a Ñanderyke'y, 'nosso irmão mais velho'. Este, em sua saga pela terra, orientou seu irmão gêmeo mais novo para que também se levantasse, deixando o exemplo para os xamãs que futuramente seguiriam seu caminho. Assim, estabeleceu as bases da formação social atual e fez surgir os princípios das normas que orientam a conduta humana. (PEREIRA, 2016, p. 119-20).

Portanto, a terra para os Kaiowa é apenas uma parte de uma totalidade, o que os Kaiowa entendem por cosmos não está na lógica temporal e espacial do colonizador, essas várias porções de tempo e espaço que Mota (2015) afirma que são as multidimensionalidades e que estas regem a forma de relacionamento com dos Kaiowa com o seu território.

### **3 A INSTALAÇÃO DA COLÔNIA AGRÍCOLA DE DOURADOS (CAND), NO TEKOHAGUASU E A RESISTÊNCIA DOS KAIOWA DE KA'AGUYRUSU**

Os indígenas que habitavam nas terras que estavam sendo loteadas pelo Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) foram tidos como entraves para o progresso da região, visto que as terras demarcadas pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) eram as únicas reconhecidas como sendo indígenas. A administração da Colônia evidentemente não via com bons olhos, a existência de um grupo de índios "arredios e atrasados" vivendo em lotes que tinham sido doados aos colonos. Desde o início da instalação da colônia foram feitas várias tentativas de transferir os Kaiowa de Panambi para o Posto de Dourados. A permanência dos Kaiowa na

região do córrego Panambi, não foi demasiadamente tranquila, a instalação de sítios e fazendas em terras ocupadas pelos indígenas sempre esteve permeado de conflitos. Porém nem mesmo com a resistência dos Kaiowa em se retirar dos seus locais de habitação fez com que houvesse o recuo da CAND.

A presença indígena não implicou que as terras por eles habitadas fossem declaradas como devolutas, o que pode ser observado em carta ao então prefeito de Dourados, Jorge Coutinho Aguirre, primeiro administrador da CAND, nomeado em novembro de 1943 e afastado em 1950, narrou como foram os primeiros anos de trabalho:

De imediato, nos propusemos a fazer o primeiro trecho da estrada que fazia a ligação Dourados – Rio Brillhante, na distância de 60 km... A medida que íamos desmatando a floresta virgem para a passagem da estrada fomos loteando as terras em face da grande quantidade de colonos que nos procuravam, cientes de que seriam protegidos pelo Governo Federal. Os trabalhos de construção da estrada principal, bem como de seus caminhos vicinais, vinculados ao loteamento, para distribuição de terras com áreas de 30 hectares para cada família, foram extremamente difíceis e penosos para a Administração da Colônia que não possuía, à época, maquinaria própria... Apesar de todos esses problemas, os quais ainda se somam as dificuldades de acesso a Dourados anteriores a construção da estrada, a presença indígena, e inumeráveis outros, conseguimos construir a estrada- tronco Dourados – Rio Brillhante, incluindo uma ponte sobre o Rio Brillhante e, mais 200 km de estradas vicinais. De 1943 a 1950 distribuímos 1000 lotes de 30 hectares, construindo, em 200 deles, casas de madeira para os colonos (GRESSLER; SWENSSON, 1988, p. 85-7).

A expansão colonizadora se deu em terras ocupadas pelos indígenas, isso impactou diretamente os Kaiowa de *Ka'aguy Rusu*, uma vez que as terras onde habitavam, conforme narrado acima estavam agora sendo loteadas a particulares. Inicialmente boa parte desses indígenas foram sendo transferidos para o Posto Indígena Francisco Horta em Dourados, em alguns casos com apoio de forças policiais. Por conseguinte, a CAND se sobrepôs aos locais de habitação.

A medida que as terras foram loteadas, os Kaiowa de *Ka'aguyrusu* foram se aglomerando em porções de terras não ocupadas pelos colonos, e que se tornavam cada vez mais escasso a medida que se deu o avanço na instalação dos lotes da Colônia Agrícola de Dourados no território dos Kaiowa. Os *tekoha* que compunham *Ka'aguyrusu* entretanto mantiveram-se esquivos frente aos

confrontos com colonos, os grupos mantinham-se em constante êxodo a medida que as terras que ocupavam iam sendo loteadas pela Colônia.

As disputas pelas terras entre os Kaiowa e os colonos se deram acirradamente até meados dos anos de 1973, quando se deu a criação do Posto Indígena Panambi, em 23 de dezembro do ano corrente. Reconhecendo o aldeamento Kaiowa como Panambi – Lagoa Rica, em uma pequena porção em vista do vasto território em se localizava o *tekohaguasu Ka'aguyrusu*.

As frequentes tensões envolvendo os colonos e os Kaiowa em disputas pela terra, contudo não se encerraram, as marcas deixadas pela instalação da Colônia Agrícola de Dourados para esses indígenas são imensuráveis, visto que a privação do *tekoha* acarretou diversas problemáticas na pequena porção de terra na qual se aglomeraram os indígenas da vasta região do *Ka'aguyrusu*.

#### **4 ATUAÇÃO DA MISSÃO EVANGÉLICA UNIDA (ALEMÃ) NA INTEGRAÇÃO DOS KAIOWA DE KA'AGUYRUSU**

A Missão Evangélica Unida (MEU) se estabeleceu próximo ao aldeamento Kaiowa Panambi – Lagoa Rica entre 1970 e 2008 (FUNDAÇÃO DO ÍNDIO, 1970). A instalação se deu a partir de meados dos anos de 1967 quando o missionário alemão Martin P. Bleck visita a localidade e se dispõe a assistir os indígenas locais.

A política de integralização dos indígenas à sociedade Brasileira marcou uma preocupação primordial do governo brasileiro, assim, a fim acelerar esse processo o governo se utilizou, além das ações promovidas pelo próprio SPI<sup>4</sup>, de um regime de colaboração de ações religiosas, como as missões evangélicas e as missões católicas. Com o propósito explícito de realizar programas filantrópicos, as missões tinham um propósito fundamental: propagar seus ideais religiosos. Filantropia, indigenismo oficial e conversão religiosa se compunham num grande projeto integracionista, que confrontava o sistema indígena, para desespero dos líderes das comunidades, em especial os praticantes das rezas, que viam sua autoridade ser questionada e desprestigiada por esses novos agentes. Agindo em conjunto, essas instituições colocavam em prática seu intuito de “socialização”

---

<sup>4</sup> O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN) foi criado em 20 de junho de 1910, pelo decreto n. 8.072, tendo por objetivo prestar assistência a todos os índios do território nacional.

ou a “integralização” dos povos indígenas, esforço que em grande medida, se prolonga até os dias de hoje.

Ao corroborar com essas perspectivas, pode se perceber que a atuação das Missões foi, estrategicamente, parte de um conjunto de ações que incorporava também as políticas públicas da jovem República, na qual os indígenas se viram constrangidos a se incorporar. Dentre as ações, cita-se a área da saúde que, precariamente era oferecida pelo estado e, do mesmo modo, a área da educação. Tais serviços foram oferecidos em regime de parceria entre governo (através do SPI) e a assistência social da missão. Tais ações salvaram muitas vidas em meio as epidemias que assolaram a região com a chegada dos colonos, mas foram orientadas para a formação do Kaiowa segundo a política de integralização, a que se propunha o governo brasileiro da época.

Por outro lado, as missões tiveram um papel essencial na preservação das comunidades indígenas, pois mesmo que a perspectiva de alguns pesquisadores aponte para outro extremo, os indígenas viram na atuação das missões uma forma de ajuda, apesar de não ser vista dessa forma pelos missionários e nem pela república. Enquanto o Estado e a missão se empenhavam em civilizar e cristianizar os Kaiowa, eles se aproximavam dos brancos, aprendiam sobre sua língua, seus costumes e suas leis, e se preparavam para se relacionarem com os invasores de uma forma menos desigual. Para o estado brasileiro a política direcionada aos indígenas era a aglomeração em pequenas demarcações de terras entendidas como espaço de consumação da assimilação, processo que nunca se consumou aos Kaiowa de *Ka'aguyrusu*.

É no contexto de expropriação das terras de ocupação tradicional indígena que se deu a instalação da *Deuscher Indianner Pionner Mission*, conhecida como MEU, ou Missão Alemã.

Segundo Vietta (2003) a Missão Alemã se instalou no Brasil e no Paraguai em meados dos anos 60, com o objetivo de promover a evangelização. Em Mato Grosso do Sul (MS), além do trabalho missionário em Panambi, ela também se instalou na reserva de Pirajui, onde atuou entre aos indígenas guarani, parentes linguísticos dos Kaiowa. Assim, ainda nos anos 60, se instalou em Panambi e na Reserva de Pirajuy (Paranhos). A *Deuscher Indianner Pionner Mission*, conhecida como Missão Evangélica Unida (MEU) ou Missão Alemã, com um trabalho integrado a Igreja

Evangelica Indigena Unida, está sediada em Assunção, Paraguai, onde atua entre as populações de língua guarani daquele país (VIETTA, 2003, p. 113).

Em mais de 40 anos de atuação em Panambi a Missão Alemã também deixou um legado positivo. Foi um espaço no qual os índios puderam estudar e, mais do que a educação formal, era um espaço em podiam conviver com os não indígenas diferentes dos regionais. Os missionários eram mais letrados e dispunham de mais conhecimento sobre o funcionamento das instituições do que a maior parte dos regionais e os Kaiowa tiveram a oportunidade de aprender sobre os costumes do branco. Nesse sentido, essa relação em certa medida “privilegiada” proporcionou maior escolarização e educação com mais qualidade do que muitas outras comunidades Kaiowa que não contaram com o serviço de uma missão tão próxima.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A forma de viver o *ava reko* (forma de vida/viver) dos Kaiowa de *Ka'aguyrusu* utilizou-se de suas percepções cosmológicas para resistirem como povo diante das diversas pressões exercidas pela sociedade envolvente.

A implantação de um projeto de colonização em sobre o território onde se localiza *tekohaguasu Ka'aguyrusu*, demonstrou a pouca relevância em que forma tratado os Kaiowa que ali habitavam. O processo de aglomerar esses indígenas em uma pequena porção do vasto território na qual se encontravam anteriormente, facilitou a ação de uma instituição filantrópica e religiosa. Contudo a ação dessa instituição corroborou para que ocorressem os relacionamentos desses indígenas com a sociedade envolvente.

O papel dessa intuição religiosa na resistência do *ava reko* (forma de ser/viver) dos Kaiowa remanescentes de *Ka'aguyrusu*, foi a possibilidade desses indígenas entenderem a organização da sociedade não indígena com a qual passavam a se relacionar com relativa frequência. De maneira que a atuação da Missão Evangélica Unida unilateralmente se colocou a favor da manutenção da forma de vida dos Kaiowa fortalecendo-os em alguns aspectos como na escrita, acesso a escolarização e na assistência à saúde. Cabe destacar também que embora a atuação se deu juntamente com o proselitismo cristão, não deixou de contribuir para os Kaiowa se utilizassem dessa oportunidade para manterem coesos o *ava reko*.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. *Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul*. Assis: UNESP, 2013.

CRESPE, Aline C. L. *Mobilidade e temporalidade Kaiowá: do tekoha à reserva, do tekoharã ao tekoha*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Cidade, MS, 2015. Disponível em: [http://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/02/Aline-Castilho-Crespe\\_tese.pdf](http://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/02/Aline-Castilho-Crespe_tese.pdf). Acesso em: 6 jun. 2020.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO Índio [Funai]. *Requerimento de autorização para atuação de missionário entre os Indígena*, de 15 jan. 1970. Dourados: FUNAI, 1970. Disponível em: [http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI\\_Arquivistico&Pesq=%22miss%c3%a3o%20Evang%c3%a9lica%20pr%c3%b3%20reden%c3%a7%c3%a3o%22&pagfis=133920](http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=MI_Arquivistico&Pesq=%22miss%c3%a3o%20Evang%c3%a9lica%20pr%c3%b3%20reden%c3%a7%c3%a3o%22&pagfis=133920). Acesso em: 5 jun. 2020.

GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Jopperet. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado do Mato Grosso do Sul: Destaque especial ao município de Dourados*. São Paulo: Dag Gráfica e Editorial Ltda, 1988.

JOÃO, Izaque. *Jakaira Reko Nheypyrũ; Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri'y*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2011.

MORAES, José Augusto dos Santos. *A presença Kaiowá na antiga vacaria: (re)ocupação territorial e (des)fragmentação social (1830-2017)*. 2020. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. *Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela des-colonização na reserva indígena e nos acampamentos-tekoha* – Dourados/MS. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, SP, 2015.

PEREIRA, Levi Marques. *Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado*. Dourados: UFGD, 2016.

VIETTA, Katya. “Pastor dá conselho bom”: missões evangélicas e igrejas neopentecostais entre os Kaiowá e os Guarani em Mato Grosso do Sul. *Tellus*, Campo Grande, n. 4, p. 109-35, 2003.

**Sobre os autores:**

**Gileandro Barbosa Pedro:** Doutorando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Mestre em História pela UFGD. Graduado em Matemática pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). Professor na Secretaria de Educação de Douradina, MS (Aldeia Panambi). E-mail: gileandro.pedro024@academico.ufgd.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2984-5501>

**Ebifânia da Silva Ortiz:** Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Graduada em Ciências Sociais pela UFGD. Professora na Secretaria de Educação de Douradina, MS (Aldeia Panambi). E-mail: ebifania@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7354-942X>

Recebido em: 04/12/2020

Aprovado para publicação em: 16/12/2020

